

## Marcus Banks: Explorando o arquivo, perspectivas da antropologia visual

Debora Costa de Faria<sup>1</sup>

Janaína Sant'Ana de Andrade<sup>2</sup>

### Apresentação

Entre os dias 04 e 08 de novembro de 2013 ocorreu na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP o Seminário Imagem, Pesquisa e Antropologia. Organizado pela professora Andrea Barbosa, coordenadora do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB), o evento reuniu pesquisadores de diversas instituições brasileiras com o propósito de discutir as possibilidades e usos das imagens, além de suas implicações epistemológicas e éticas na pesquisa antropológica.

O evento também contou com a participação do antropólogo inglês Marcus Banks, professor da Universidade de Oxford, Inglaterra. Diretor do SAME (School of Anthropology and Museum Ethnography), suas publicações tratam de temas como: Antropologia Visual filmes etnográficos e suas metodologias, sociedade indiana urbana, etnicidade, nacionalismo e neo-nacionalismo. Banks foi responsável pela conferência de abertura "Slow research: mining the visual archive", na qual foi abordada a relação entre mudança, tempo e fotografia. Com base no seu trabalho e de outros colegas, nos apresentou apontamentos sobre a pesquisa longitudinal, rara na antropologia social e ainda mais rara na antropologia visual.

Após sua apresentação, o antropólogo concedeu entrevista às pesquisadoras do VISURB e pôde abordar alguns dos temas do trabalho que vem desenvolvendo ao longo de sua carreira. Atento ao fato de que vivemos em um mundo visualmente orientado, Banks vê o uso de recursos visuais como um ganho para a pesquisa social e, a partir de suas próprias experiências, nos descreve de que modo a fotografia pode, por exemplo, diminuir as distâncias e desconfortos entre pesquisador e entrevistado e, além disso, possibilitar que este fale de seu próprio mundo a partir das imagens produzidas no trabalho de campo. Também adensou suas proposições acerca da pesquisa longitudinal, que consiste primordialmente na reincidência de análises visuais de um mesmo objeto, que apesar de

---

<sup>1</sup> Debora Costa de Faria é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH/Unifesp) e membro do VISURB (Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas). Contato: faria.debc@gmail.com

<sup>2</sup> Janaína Sant'Ana de Andrade é graduanda do curso de Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH/Unifesp) e membro do VISURB (Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas). Contato: andradejanaina@hotmail.com

apresentar um grau de dificuldade maior em sua execução, exhibe resultados bastante frutíferos.

### Entrevista

**Debora e Janaína:** Quais são os ganhos no uso de recursos visuais, como imagens e vídeos, na pesquisa antropológica?

**Marcus Banks:** Particularmente quais são os ganhos? É uma boa pergunta. Apesar de haver vantagens – e prometo voltar a elas -, eu teria que perguntar o contrário: por que não usar recursos visuais? Nós vivemos em um mundo muito visualmente orientado, muitas pessoas com as quais nós queremos falar, com as quais nós passamos tempo como cientistas sociais, assistem televisão, leem revistas, olham propagandas nas ruas. Nós somos rodeados por imagens e isso certamente deve colorir o tecido da vida social em que vivemos e, a meu ver, não entendo a razão pela qual pesquisadores não usariam imagens em suas pesquisas.

Mas, pensando mais teoricamente, houve uma mudança nos modelos de teoria das Ciências Sociais dominados pela linguagem e pelos modelos baseados na linguagem<sup>3</sup> – que entendem a vida social como um tipo de séries de estruturas gramaticais –, as quais certamente dominaram as teorias de pesquisa na antropologia nas décadas de 1960 e 1970, tais como o estruturalismo, para um entendimento mais fenomenológico do acesso ao conhecimento sobre as vidas das outras pessoas e seus modos de vida. Isso pode incluir comunicação não linguística, modos de expressão não linguísticos e, novamente, penso que isso inclui o visual. Nesse sentido, posso ver uma variedade de razões pelas quais os recursos visuais deveriam ser necessários para o estudo da sociedade.

Agora as vantagens. Algumas vezes acho que os pesquisadores não estão felizes simplesmente entrevistando pessoas ou fazendo pesquisa face a face; eles acham que ter uma imagem presente, falar sobre uma imagem, torna a entrevista um pouco menos desconfortável, um pouco menos não natural. Ambos, o entrevistador e o entrevistado, podem olhar para algo juntos e falar sobre isso invés de apenas encararem-se como estranhos. Acredito, assim, que essa seja uma razão para usar imagens como um recurso metodológico para manter a riqueza das entrevistas.

Em segundo lugar, acredito que, às vezes, as pessoas acham mais fácil te mostrar coisas - e não dizê-las. Por exemplo, se você produzir uma fotografia e mostrá-la às crianças, isso possibilita a elas falar sobre suas vidas familiares e talvez das relações com os seus pais. O pensamento abstrato sobre estas coisas é algumas vezes um tanto difícil

---

<sup>3</sup> Tais modelos partem da conceituação do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss.

para as pessoas. Os cientistas sociais estão acostumados a lidar com abstrações, a lidar com generalizações, mas penso que algumas das pessoas com as quais nós trabalhamos sentem-se mais confortáveis lidando com casos específicos dos comportamentos sociais, da vida social, e novamente, as imagens podem ajudá-las a focar algumas coisas em particular.

**Debora e Janaína:** Como podemos combinar imagem e texto e operar o equilíbrio entre esses dois recursos respeitando suas particularidades?

**Marcus Banks:** Manter imagem e texto separadamente e trabalhando juntos é uma questão muito interessante, um problema interessante para se considerar - e não estou certo de que haja uma única resposta. Depende, em parte, de quem é a sua audiência privilegiada. Por exemplo, se você for a uma galeria de arte, verá que algumas pessoas olham para as imagens e nunca leem as legendas e que há outras que leem as legendas e muito rapidamente olham para as imagens, movendo-se então para as próximas. Mas, geralmente, em um trabalho acadêmico, quero comunicar o máximo possível para o maior número de pessoas possível e entendo que, para algumas pessoas, ler é assimilar o conhecimento, e esta é a maneira preferida de o fazerem. Tenho colegas na antropologia e em outras áreas das Ciências Sociais que acham as imagens muito ambíguas. Eles acham que as imagens são muito simples e comunicam muito pouco. Mas acredito que o que eles realmente acham é que as imagens são muito complicadas e comunicam demais. Eles gostam dos textos, pois estes parecem ser muito mais limpos, mais diretos e muito mais lineares. Portanto, você também tem que considerar, tem que levar em conta, não os preconceitos das pessoas, mas seus entendimentos prévios, o que elas pensam que o texto é, o que elas pensam que uma imagem vai fazer.

Como mencionei na minha palestra<sup>4</sup> no outro dia, eu tenho tentado ao longo da minha carreira apresentar imagens e textos em diferentes modos e percebi que simplesmente apresentar imagens para as pessoas, fotografias para um leitor acadêmico, não funciona realmente se eles não estiverem prontos para isso, se eles não estiverem preparados para isso. O que eu acho que nós precisamos fazer é pensar modos nos quais a imagem e o texto trabalhem em diálogo, de maneira que um amplifique o outro, trabalhando juntos e não um contra o outro. Eu penso que às vezes isso pode ser feito tendo textos que desafiem o que você pensa que está vendo, então, você tem que olhar novamente para a imagem para pensar o que está acontecendo. Há alguns casos de sociólogos e antropólogos que deram imagens para as pessoas, que porventura podem estar nas

---

<sup>4</sup> Palestra ministrada no âmbito do Seminário Imagem, Pesquisa e Antropologia, em novembro de 2013, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - UNIFESP).

imagens e pedem a elas para escrever um texto, para comentar sobre a imagem; aqui, o que você tem, portanto, são duas vozes em curso, a voz do analista que tirou a fotografia e que tem algum ponto sociológico para elaborar, e a voz das pessoas a partir da fotografia e que têm, talvez, algum ponto mais pessoal que queiram desenvolver.

Eu penso que a relação imagem-texto tem sido muito explorada no que diz respeito à fotografia e à apresentação do trabalho acadêmico através da fotografia e do texto. Mas acredito que há também uma área, na qual nós temos que pensar, que é a da produção do filme e o uso da linguagem no filme – para os nossos propósitos. Penso que nós nos afastamos muito dos modelos iniciais que começaram após a Segunda Guerra Mundial – na verdade antes da Segunda Guerra Mundial –, uma palestra ilustrada, na qual alguém simplesmente falava e dizia a você o que queria que você entendesse. E na tela apenas se vê imagens das coisas sobre as quais foram faladas. Alguns filmes da Margaret Mead, da expedição na qual ela e seu marido, Gregory Bateson, fizeram em Bali são assim. Mead apenas lê em voz alta um texto enquanto, na tela, são vistas imagens sobre aquelas pessoas fazendo as coisas sobre as quais ela está falando. Então, as imagens estão de alguma forma subordinadas à palestra de Margaret Mead. Mas acho que desde então nós mudamos. Nós estamos aprendendo no filme etnográfico, por exemplo, a usar a voz do comentário. Primeiro, ela era usada muito moderadamente e era usada onde era desejado, mas o que era realmente desejado eram as imagens e as línguas das pessoas na tela, entretanto, isso não é sempre efetivamente comunicativo para o público.

Mas, tenho visto alguns outros exemplos mais experimentais. Por exemplo, há um filme de televisão sobre um grupo chamado Mursi, na Etiópia, feito por um cineasta chamado Leslie Woodhead trabalhando para uma companhia de televisão comercial britânica<sup>5</sup> e um antropólogo chamado David Turton. Eles trabalharam juntos em diversos filmes com o povo Mursi, que são um grupo pastoril; eles se conhecem muito bem e conhecem o grupo muito bem. Assim, nesse filme<sup>6</sup>, que é sobre uma cerimônia de iniciação, eles têm dois textos de comentários, um é do Leslie Woodhead, o cineasta, que fornece um texto bastante objetivo sobre o que está acontecendo, quem são as pessoas, etc. E o outro é do David Turton, o antropólogo que trabalha com este grupo de pessoas há muitos anos, e é um texto muito mais pessoal que fala de um modo mais informal. Não há muitos comentários no filme todo, mas você percebe que há essas duas vozes – a voz distante e profissional do cineasta, dando os fatos e a informação, e a voz mais íntima do antropólogo, contando coisas que ele sabe sobre as pessoas, de uma maneira mais pessoal e íntima.

---

<sup>5</sup> Granada Television.

<sup>6</sup> *The land's Bad*, 1991.

Não quebrando segredos, ou algo assim, mas apenas deixando claro que ele tem um entendimento íntimo daquela sociedade. Então, acho que há sempre modos nos quais nós podemos experimentar combinações de imagens e textos para alcançar uma síntese que é maior que a soma de suas partes.

**Debora e Janaína:** Você poderia falar um pouco sobre o processo de fotografar na sua pesquisa?

**Marcus Banks:** Eu era estudante, fiz o meu PhD na universidade e depois fui para escola de cinema e me formei como documentarista. Aprendi duas coisas realmente. Uma delas foi algo bom, que é, como eu mencionei antes, que as imagens podem ser usadas para apresentar informação sociológica de um modo que o texto faria, não de forma inadequada, mas não poderia fazê-lo bem. As imagens podem te dar um senso fenomenológico de estar lá. Ainda que se tenha apenas uma imagem ou uma imagem com som, no caso do filme; há um tipo de sentido no qual você pode cheirar, tocar e saborear essas coisas que as pessoas na tela estão fazendo, caso elas estejam comendo. Então, aprendi que essa é uma coisa boa, aprendi que as imagens podem ir, nos levar a lugares em nossas análises, que o texto não pode ou o faz de maneira muito pobre.

Mas também aprendi algo ruim, que eu não sou um documentarista, que eu não sou um bom documentarista. Nunca fiz nenhum filme, produzi alguns, mas nunca realmente fiz um filme. Então, eu uso vídeo com o propósito de anotação. Não estou tentando fazer um filme, só estou usando o vídeo de uma forma muito banal, entediante para gravar coisas. Com relação à fotografia, eu também não sou fotógrafo treinado, mas ainda aprecio fotografia e acredito que a tenha usado de maneiras diferentes na minha carreira. Tenho usado fotografia como um modo de documentação, simplesmente para ter uma nota visual de algo com o qual me encontrei, algo que vi ou experienciei e que eu possa esquecer, que eu possa esquecer os detalhes. Mas também uso fotografia como um modo de explorar coisas. Aprendi em filmes que, no próprio ato de segurar uma câmera e enquadrar uma cena escolhendo, selecionando a coisa que você quer fotografar, você também está fazendo muitas decisões sobre as coisas que você não irá fotografar. E, então, isso te força a pensar sobre – por que eu estou selecionando este ângulo em particular, esse particular enquadramento e não um outro? E porque, como você sabe, nos procedimentos de análise sociológicos, da mesma forma, você não pode focar em tudo que você deseja, você tem que escolher – eu vou olhar para a iniciação religiosa e eu não vou olhar para o gênero. Novamente, isso te força a pensar – por que estou focando neste tópico e não naquele outro? Por que estou implicitamente dizendo que não há uma conexão entre dois tópicos?

Pensar visualmente em um sentido, mesmo se você não tira uma fotografia, te permite questionar seus próprios julgamentos intelectuais, seus próprios enquadramentos analíticos. Numa metáfora literal podemos dizer que enquadramos intelectualmente nossa pesquisa assim como enquadramos nossas imagens através do visor.

Também tenho usado a fotografia como um modo de – isso pode soar um pouco estranho – diminuir a distância entre mim e as pessoas que estou pesquisando. É comum pensar a câmera como barreira, contudo, ela também entra no caminho como um tipo de relação social empática com outra pessoa, especialmente se você é alguém de fora e está lidando com pessoas que sabem que você é um estranho. Sei que algumas pessoas sentem que as câmeras estão entrando no caminho como uma imposição. Porém, penso que a câmera, às vezes, tende a atrair as pessoas até você. Frequentemente, quando estou fazendo trabalho de campo na Índia tirando fotografias dos filhos das pessoas, por exemplo, sei que elas gostam disto, elas gostam de ter aquelas fotografias. Certamente, quando comecei a minha pesquisa de campo na década de 1980, não eram muitas pessoas que eu conhecia que tinham câmeras. Não que elas não pudessem tê-las, elas eram relativamente pessoas de classe média, mas não tinham uma prática doméstica de fotografar. Não era algo que se fazia. Se quisessem uma fotografia, eles a queriam por uma razão. Para uma carteira de identidade, talvez, ou, obviamente, para comemorar um evento de um casamento. E então contratavam fotógrafos profissionais. Assim, quando fui, com uma câmera até um grupo de pessoas com as quais trabalhei na Índia, eles perceberam quase instantaneamente que eu estava constantemente tirando fotografias, tanto de coisas que eles consideravam... não tediosas, mas apenas banais, cotidianas, coisas do dia a dia, quanto de coisas grandiosas, como cerimônias e casamentos.

Deste modo, eles estavam interessados nas minhas fotografias, porque eu as estava tirando. Elas permitiam trocar, falar, conversar sobre algumas das coisas que eu estava fotografando. Então, novamente, tão bem quanto eu uso a minha câmera para enquadrar meu próprio espaço intelectual, minha própria agenda intelectual, isso permitiu às pessoas verem o que eu estava fazendo para eles dizerem “Por que você quer saber sobre isso?”. Deste modo, podíamos desenvolver uma conversa frutífera e significativa.

**Debora e Janaína:** Em sua palestra você falou sobre pesquisa longitudinal. Você pode compartilhar suas perspectivas em relação a ela?

**Marcus Banks:** Sim, nas Ciências Sociais *soft*, ou nas Ciências Sociais qualitativas, a pesquisa longitudinal não é realmente uma prática muito comum. Então, por exemplo, em numa pesquisa psicológica, claramente faz sentido seguir um grupo de crianças por alguns

anos, com o intuito de ver como o que você viu na idade de cinco ou dez anos resultou na vida deles na idade de 20 ou 25 anos.

Antropólogos certamente (pessoas que fazem pesquisa qualitativa certamente) vão e revisitam as pessoas com quais eles trabalharam. Eu tenho um colega, por exemplo, que tem visitado todos os anos a mesma vila na África Ocidental por quase 30 anos, mas ele não armazena sistematicamente as coisas para depois comparar em uma próxima visita ou em uma visita dez anos depois. Ele simplesmente continua se movendo para novos projetos. Ele formou uma relação de grande profundidade com essas pessoas. Ele as viu crescer, ter filhos, se casar e até mesmo morrer. Mas ele não seguiu cursos de vida particulares num trabalho sistemático. Então, não é muito comum esse procedimento longitudinal na pesquisa qualitativa, ainda mais pensando em trabalhos com apoio de um componente visual. Não sei como isso irá se desenrolar.

Mas estou curioso porque acredito que seja interessante ver anos em fotografias ou vídeo, visitar a vida das pessoas de um modo sistemático ao invés de fazê-lo de forma solenemente profunda ou acidental. Então, é por isso que na minha palestra no outro dia mencionei uma série de televisão britânica, “7up”, que volta para encontrar exatamente as mesmas pessoas a cada sete anos para ver o que aconteceu com elas. Mas isso é jornalismo, não há nenhum tipo de propósito sociológico profundo. Penso que há coisas para se descobrir e vou voltar à questão mudando para o alcance tecnológico. Hoje em dia, por exemplo, onde eu trabalho ou na África, onde meus colegas trabalham, muitas pessoas agora têm celulares com câmeras e por isso elas podem começar a fotografar e gravar por conta própria, tirando fotos de suas vidas e daqueles que são seus amigos. O fazem porque precisamente as fotografias pelos de seus celulares, são efêmeras, elas são perdidas, elas apenas as apagam quando o cartão de memória fica cheio. Então, novamente, como antropólogos podemos ter um papel ajudando a arquivar e guardar estas imagens, ano após ano, para começar a construir, um tipo de linha do tempo do Facebook, se você quiser, mas não de um único indivíduo e sim de um grupo de pessoas.

Na verdade, isso me faz lembrar que alguns antropólogos estão agora olhando para o Facebook, para ver como as pessoas usam imagens no Facebook para comunicarem-se umas com as outras, algumas vezes sem palavras, algumas vezes para indicar estados mentais ou emoções passageiras, Nós fazemos isso! Você coloca uma fotografia sua em uma festa, com os seus amigos e não precisa dizer muitas palavras sobre isso, as pessoas lendo a sua página do Facebook sabem pelas suas expressões, os tipos de pessoas que estavam lá, o tipo de roupa que você estava usando, que tipo de ocasião era, elas podem ler a partir disso seu estado emocional, se você quiser.

Acredito que há muito trabalho a ser feito agora com imagens na internet, que estão sendo colocadas lá pelas pessoas que costumávamos estudar quando elas não tinham telefones, câmeras, mas agora, estão usando essa tecnologia. Então, novamente penso que você tem que começar agora, é muito tarde para mim, eu “perdi”, se você quiser, 20 anos da minha carreira não me preocupando em interagir visualmente com as pessoas com as quais eu trabalhei, mas antropólogos e sociólogos mais novos podem começar agora a pensar, – “se eu ainda estiver nessa profissão daqui a 20 anos, posso ter um registro de todos os tipos de interação visual que produzi ao longo desses últimos anos?”?”

**Debora e Janaína:** Bem, para terminarmos, gostaríamos de saber o que você pensa das perspectivas futuras no campo da antropologia visual?

**Marcus Banks:** Bem, quando comecei na antropologia visual, havia uma geração quase inteiramente de homens, em sua maioria, brancos e americanos, hoje idosos: Jay Ruby, Paul Hockings, Roger Sandall and Tim Asch. Eles criaram este campo e ele foi muito direcionado para o filme ou para o fazer fílmico. Se você voltar aos anos de 1960, quando eles começaram, havia uma espécie de ritmo rápido de mudança industrial e tecnológica na sociedade, geralmente na Europa e na América, onde novas tecnologias – os primeiros computadores, por exemplo – foram se tornado disponíveis, não para indivíduos, mas ao menos às corporações, grandes bancos e instituições educacionais.

A televisão estava se tornando generalizada, havia um grupo de teóricos educacionais pensando sobre isso, o que eles costumavam chamar e hoje eu, ironicamente, chamo de “classe do futuro”. Os alunos não mais iriam ler livros e escrever nas lousas com giz. Isso aconteceria no futuro- seja lá quando o futuro fosse-, através das novas tecnologias. Sempre houve uma preocupação com a cultura popular, mas, especialmente na América, houve pânico morais, por exemplo, em relação às histórias em quadrinhos. Nos parece ridículo agora, mas alguns políticos e pais que viveram durante a guerra estavam muito preocupados que os jovens e adolescentes não estivessem lendo mais e só estivessem lendo histórias em quadrinhos – Superman, Batman, por exemplo.

Mas algumas pessoas diriam “Vamos capitalizar isso”! Em vez de fazê-los voltar a ler Charles Dickens ou o que quer que seja, por que não tornar a educação divertida, através de imagens, histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão?

Dessa maneira, os primeiros antropólogos visuais estavam fazendo filmes etnográficos. Eles estavam fazendo filmes sobre os tipos de pessoas que os antropólogos estudavam, mas fazer um filme sobre isso em vez de escrever um livro, ou, talvez, fazer um filme sobre isso e também escrever um livro sobre isso. E essa é a razão pela qual fui à

escola de cinema, porque queria me tornar uma parte daquele tipo de processo, uma parte daquele modo de pensar. Contudo descobri que eu não era muito bom em fazer filmes porque não tinha as habilidades técnicas ou não consegui adquiri-las, mas, também comecei a questionar se o filme realmente poderia substituir o texto ou ser um simples acompanhamento linear, estar lado a lado com texto.

Comecei a pensar sobre a antropologia visual como sendo um campo muito mais complicado, que lida com a interação da vida das pessoas com as imagens, e o papel que essas imagens, sejam elas produzidas por nós mesmos ou pelas próprias pessoas que nós estudamos, têm em mediar as relações sociais. Então não são apenas as imagens das coisas, são as imagens fazendo coisas. Sou, assim, de certo modo, da geração posterior desses antropólogos que tinham se esforçado nesse tipo de linha, mas o que nós fazemos é trabalhar com imagens, nós não fazemos apenas imagens.

Esse é um prefácio muito longo para onde nós estamos indo no futuro. Mas estamos definitivamente nos afastando dos filmes como artigos finalizados, limitados com um início, meio e um fim. Ainda haverá filmes etnográficos produzidos e alguns deles serão verdadeiramente bonitos e instigantes, mas penso que muitas pessoas estão trabalhando com muito mais... não efêmeros exatamente, mas mais um uso do filme “para o momento”: fazer curtas metragens para transmitir na internet, que podem ser retirados e substituídos por outra coisa, por exemplo. Hoje há um ambiente muito mais fluido para filmes na antropologia, eu penso, do que costumava ser.

Não é apenas um filme: é uma série de vídeos, vinhetas, se você quiser, que você pode colocar no Vimeo, no Youtube ou qualquer outra coisa. Você pode montar um canal, as pessoas podem adicionar material nele e também será um processo mais interativo no qual as pessoas com as quais trabalhamos podem ter acesso ao material. A maioria das pessoas com as quais os antropólogos trabalham hoje têm seus próprios celulares com câmeras, suas próprias câmeras de vídeo. Eles também podem colocar material em algum canal do Vimeo e usar estas imagens para interagir com aquelas feitas pelos antropólogos. Há definitivamente um futuro aí.

Acredito que nós estamos no momento de considerar novamente o arquivo. Também estamos olhando para trás. Minha colega, Elizabeth Edwards, por exemplo, tem trabalhado muito recuperando fotografias etnográficas coloniais e dando a elas uma nova vida no período contemporâneo. Na década de 1980 e antes disso, arquivos fotográficos eram pensados de uma forma foucaultiana, como uma simples evidência da dominação colonial.

A fotografia e o processo fotográfico foram usados como uma daquelas ferramentas coloniais, junto da cartografia e dos censos: formas de classificar e ordenar e, até mesmo, controlar as populações coloniais.

Penso que a Elizabeth Edwards<sup>7</sup> e outros têm feito um trabalho muito bom com os arquivos. [E, de uma forma geral] Sylvia Caiuby Novaes realizou<sup>8</sup> um trabalho muito bom, buscando descobrir e ter uma noção do que as pessoas nas imagens estavam pensando quando as imagens foram tiradas. Essa escola está tentando devolver algum tipo de autonomia, algum tipo de controle sobre - tanto quanto possível - a experiência de vida no contexto colonial. Assim, a fotografia colonial não é apenas um processo de sentido único; o "olhar colonial" foi confinado à visão colonial, mas sujeitos coloniais estavam olhando de volta para a câmera e o trabalho da pesquisa etnográfica agora é descobrir o que estava em suas mentes enquanto eles olhavam de volta.

Há sempre maneiras de ler fotografias, há sempre maneiras de usar outros tipos de recursos arquivísticos - diários e cadernos de campo dos próprios fotógrafos - para ter uma noção do encontro fotográfico como uma presença de duas partes, uma co-presença. Tenho muita esperança em ver mais disso. Nós vamos ver mais. Este é o tipo de território que Faye Ginsburg, trabalha no campo das mídias indígenas: como os povos indígenas começaram a usar câmeras de vídeo para fazer filmes sobre eles mesmos. Faye está muito interessada na produção cinematográfica indígena. Há número suficiente de pessoas agora, indígenas, por exemplo, que passaram por escolas de cinema e tiveram acesso aos recursos financeiros que são necessários, de modo que podem fazer, e estão fazendo, longas-metragens.

Acredito que mais uma vez vamos ver um aumento no interesse antropológico, nos produtos visuais culturais, não apenas em produtos visuais documentais sobre os povos indígenas que outras pessoas fazem, mas os seus próprios produtos culturais. Há também um forte movimento na antropologia para o estudo da arte contemporânea, como outra forma de expressão do ser social. Não é apenas uma adição efêmera à vida social por meio de práticas de arte contemporânea. Alguns artistas são capazes de explorar estas sociedades de uma forma perpendicular a uma abordagem sociológica rigorosa. No entanto, juntos eles podem combinar abordagens tanto mais ricas do que qualquer um deles separadamente. Desta forma, antropólogos trabalhando com artistas e antropólogos trabalhando com cineastas podem explorar a sociedade juntos.

---

<sup>7</sup> Ver: *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*. (Oxford: Berg, 2001)

<sup>8</sup> Banks faz referência mais notadamente a uma palestra ministrada por Sylvia Caiuby Novaes na Universidade de Oxford, em 2007.